

EMPRÉSTIMOS, TEORIA AUTO-SEGMENTAL E ABERTURA VOCÁLICA*

MYRIAN AZEVEDO DE FREITAS
UFRJ

A proposta auto-segmental, ao dar destaque à relevância da sílaba para a análise fonológica e ao estabelecer que a atribuição de estrutura silábica é lexical, forneceu o instrumental para o tratamento de processos afetos ao léxico, tais como os de empréstimo. Examinarei neste artigo algumas conseqüências da teoria auto-segmental para o tratamento dos empréstimos.

1. INTRODUÇÃO

Ao examinar, pela primeira vez, o comportamento fonológico dos empréstimos do inglês no português (cf. FREITAS, 1984), dei-me conta da importância da noção de sílaba para explicar as opções de nativização que havia registrado. Lidando à época apenas com restrições fonéticas de superfície, concluí pela vigência de duas estratégias básicas--inserção de vogal e queda de consoante--cabendo ao tomador fazer a sua escolha dentre elas. Contudo, a crescente valorização da sílaba na teoria fonológica fez surgir novos modelos analíticos como o de CLEMENTS & KEYSER (1985), que usarei no reexame dos empréstimos de origem inglesa no português, visando demonstrar que uma abordagem silábica (i) simplifica a formalização das estratégias; (ii) explicita o nível em que cada procedimento se aplica e (iii) permite evidenciar, no português, a dependência na rima silábica entre a coda e a natureza da vogal núcleo.

2. OS DADOS DE EMPRÉSTIMOS E A TEORIA AUTO-SEGMENTAL

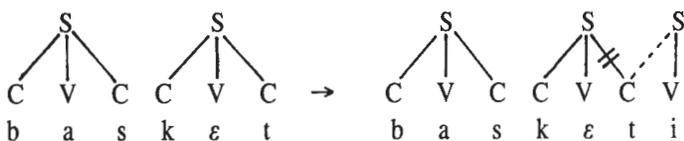
Uma primeira hipótese seria a de que as estratégias adotadas para a nativização dos empréstimos do inglês são determinadas pela natureza da consoante que

* Agradeço ao Prof. Dr. Leo Wetzels a orientação e soluções sugeridas, responsabilizando-me inteiramente por todas as críticas que o presente artigo possa suscitar.

segue de imediato o núcleo vocálico na rima da sílaba. Dado que o português não admite a presença de segmento [-soante] na coda silábica

(a saber: / p t k b d g f v /), a extra-silabidade de consoantes assim definidas motiva a operação de uma regra pós-lexical obrigatória que insere um segmento vocálico¹ após estas consoantes, projetando assim uma nova sílaba, o que desencadeia ressilabificação; por sua vez, o segmento [-soante], dissociado da

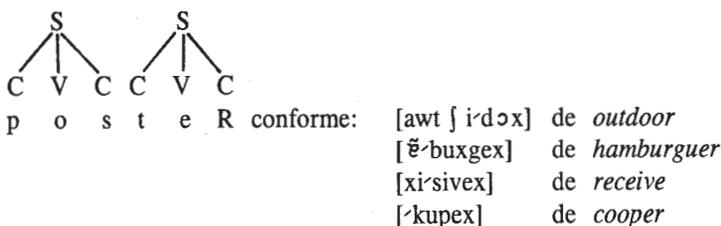
posição de coda, passa a ocupar o *onset* da nova sílaba criada²:



Este mesmo padrão seguem os empréstimos:

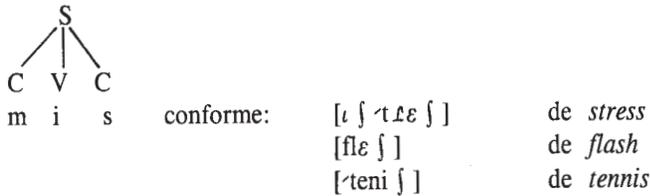
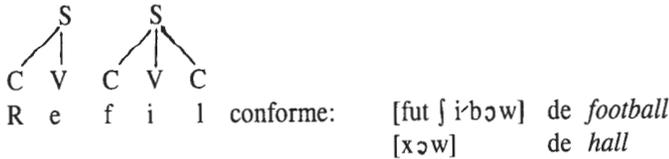
[ˈset ʃ ɪ]	do inglês	<i>set</i>
[kloʊˈzɑpɪ]	" "	<i>close-up</i>
[ˈbækɪ]	" "	<i>back</i>
[ɪ ʃ ˈtɛfɪ]	" "	<i>staff</i>
[ˈklʌbɪ]	" "	<i>club</i>

Sendo, porém, a consoante que imediatamente segue o núcleo [+soante] ou [+estridente], nenhum processo pós-lexical é exigido, visto que a estrutura lexicalizada está prevista como superficialmente admissível na língua tomadora:



¹ Este segmento, em empréstimos recentes, é sempre a vogal [+anterior/ +alta], ou seja, /i/.

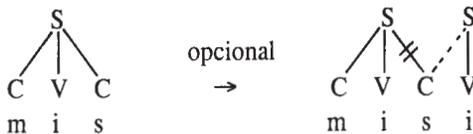
² Todos os informantes que forneceram dados para minha pesquisa eram cariocas, mas não irei deter-me aqui em processos pós-lexicais de palatalização, formação de *glide*, etc... que são típicos do referido dialeto, limitando-me a constatar que sendo eles dialetais e muito próximos da superfície só entram em jogo após a inserção de /i/, nasalização e ressilabificação a que me refiro ao longo deste artigo.



Observe-se que apenas no caso de haver na coda de sílaba final um só segmento consonântico [+estridente] verificou-se com certa regularidade a alternativa³ de inserção vocálica e ressilabificação. Assim é que temos:

[ʔmisi]	~	[mi ʃ]	de <i>miss</i>
[ʔfle ʃ i]	~	[fle ʃ]	de <i>flash</i>
[i ʃ ʔɛɛsi]	~	[i ʃ ʔɛɛ ʃ]	de <i>stress</i>
[tɔpi'lesi]	~	[tɔpi'ɛ ʃ]	de <i>topless</i>

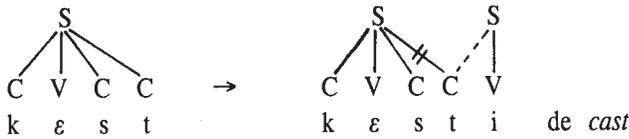
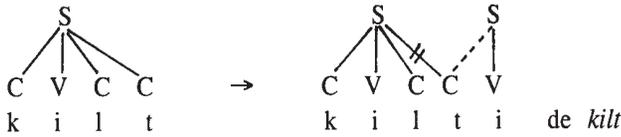
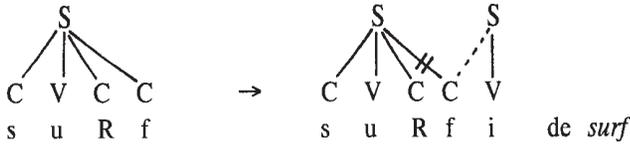
Esquemáticamente:



Esta primeira hipótese confrontei, no entanto, com casos em que ocorre mais de um segmento na coda silábica, um deles [-soante] precedido de outro [+estridente] ou [-estrid]

[+soante], e verifiquei ser o comportamento semelhante aos casos já apresentados aqui: a presença na coda do segmento [-soante], extra-silábico no português permanece como o único motivador para aplicação obrigatória da regra pós-lexical de inserção da vogal /i/:

³ O próprio caráter opcional da inserção vocálica já a define como um processo pós-lexical.



O mesmo acontece com os empréstimos:

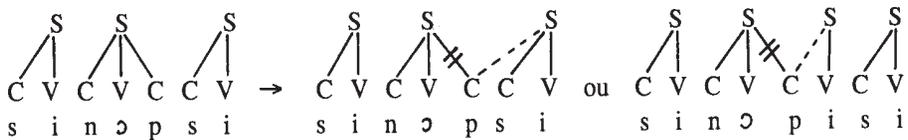
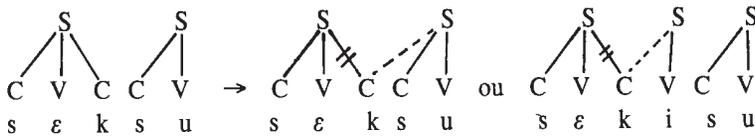
[ɫ ʃ ɹ pɔxt ʃ ɪ] do inglês *sport*

[ˈkaxt ʃ ɪ] " " *kart*

[ˈmu ʃ t ʃ ɪ] " " *must*

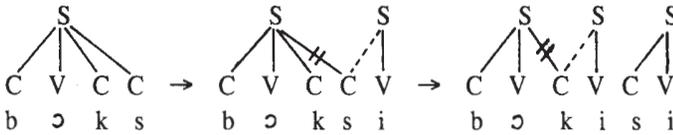
etc...

Note-se que grupos consonânticos formados por [-soante] seguido de [-contín] no português propiciam igualmente inserção vocálica:



A aparente diferença de comportamento apresentada pelo empréstimo *box* (à semelhança de *inox*, *tórax*, *fox*, etc...) decorre de haver, neste caso, mais de uma

consoante extra-silábica, permitindo assim a recorrência da regra de epêntese, aplicável a tantos quantos forem os segmentos extra-silábicos:⁴



Estes dados permitem uma hipótese mais generalizante, qual seja afirmar que a presença na coda da sílaba de um segmento [-soante], independente de suceder de imediato o núcleo ou não, cria o contexto necessário para a operação da regra de epêntese vocálica. Isso implica em dizer que o processo não é segmental e sim dependente por completo da estrutura silábica: a epêntese de /i/ aplica-se regularmente quando da ocorrência de consoantes extra-silábicas, i.e., aquelas não admissíveis na coda silábica em português, a despeito de seguirem ou não de imediato o núcleo vocálico.⁵

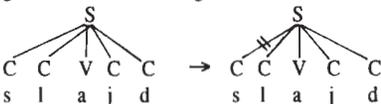
3. EMPRÉSTIMOS E ABERTURA VOCÁLICA

Em apoio a esta hipótese concorre o fato de não haver no português a ocorrência de vogais médias fechadas em sílaba tônica com segmento [-soante] na coda, o que confirma o travamento subjacente. Assim é que registra-se:

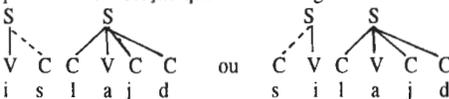
t[ɛ]cnico	mas não	t[e]cnico
n[ɛ]ctar	" "	n[e]ctar
r[ɛ]ptil	" "	r[e]ptil

⁴ A ocorrência de formas variantes dada a alternativa para a reaplicação da inserção de /i/ novamente atesta o seu caráter pós-lexical.

⁵ Em FREITAS (1984) menciona igualmente a inserção vocálica em início de palavra; porém, à luz da teoria auto-segmental, verifico que esta inserção inicial, apesar de motivada por restrições do português a grupos consonantais no *onset* cujo primeiro elemento seja [+estridente], acha-se também afeta à composição da rima, porque o que está em jogo é a possibilidade do segmento [+estridente] ocupar a coda em português, gerando duas saídas registradas:



O segmento inicial /s/, extra-silábico no português pode ficar no *onset* de uma nova sílaba criada pela inserção de /i/ imediatamente depois do mesmo, ou pode vir a aloca-se na coda de uma sílaba gerada pelo mesmo processo de inserção que coloca o segmento /i/ imediatamente antes do /s/:



prosp[ε]cto	"	"	prosp[e]cto
asp[ε]cto	"	"	asp[e]cto
sin[ɔ]pse	"	"	sin[o]pse
helic[ɔ]ptero	"	"	helic[o]ptero
aut[ɔ]ctone	"	"	aut[o]ctone
s[ε]xo	"	"	s[e]xo
refl[ε]xo	"	"	refl[e]xo
[ε]tnico	"	"	[e]tnico
n[ε]xo	"	"	n[e]xo
l[ε]xico	"	"	l[e]xico
in[ɔ]x	"	"	in[o]x
conv[ε]xo	"	"	conv[e]xo etc...

Já em sílabas com segmento [+soante] ou [+estridente] na coda, dá-se a ocorrência de vogais médias tanto abertas quanto fechadas, em posição tônica. Compare-se:

c[o]rte	c[ɔ]rte
c[e]rvo	s[ε]rvo
conc[e]rto	cons[ε]rto
m[o]rto	m[ɔ]rta
s[e]xto	r[ε]sto
n[ε]sga	n[ε]sga etc...

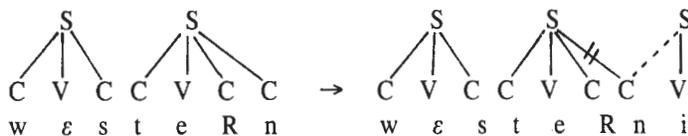
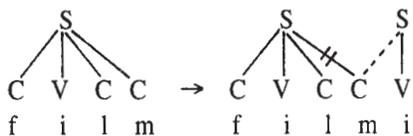
Este contexto pode apresentar variação até com o mesmo item lexical como ocorre em [e]xtra, ao lado de [ε]xtra.

É preciso ressaltar, entretanto, o comportamento singular do segmento /l/: na coda de oxítonas, este segmento parece impor a abertura da vogal média, como em lenç[ɔ]l, terç[ɔ]l, at[ɔ]l, s[ɔ]l, carret[ε]l, doss[ε]l, etc... No entanto, não houve reação à nativização do empréstimo /gol/, com a vogal média fechada. Em posição tônica seguida de /l/ temos quase exclusivamente /ε/: s[ε]lva, m[ε]lro, r[ε]lva, c[ε]lta, ac[ε]lga, etc...; ao passo que tanto /o/ como /ɔ/ ocorrem em tônicas não finais como em g[o]lfo, t[o]lido, s[o]lido, m[ɔ]lde, g[ɔ]lpe, s[ɔ]lda, etc... Não tenho, por conseguinte, um argumento de peso para afirmar que /l/ comporta-se do mesmo modo que os segmentos $\left[\begin{array}{l} \text{-soante} \\ \text{-estríd} \end{array} \right]$ na coda da sílaba.

4. EMPRÉSTIMOS E CONSOANTES NASAIS

O travamento silábico subjacente por segmentos proibidos na coda em português (conforme especificados anteriormente) bem como a presença de um segmento ocupando uma terceira posição na rima da sílaba (o que contraria a restrição do português que estabelece um máximo de dois segmentos na rima) gera contexto para a inserção vocálica. Esta última restrição pode ser exemplificada por dados em que a

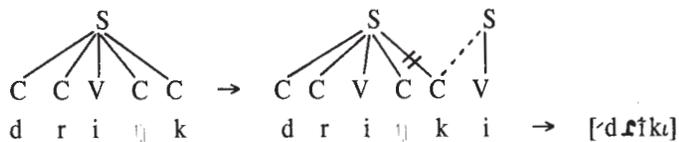
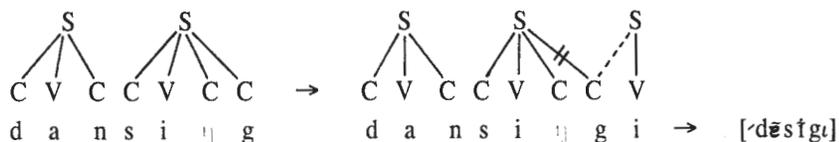
consoante nasal não está em posição posvocálica na rima e sim ocupa a terceira posição na mesma. Não há, então, contexto para nasalização, mas somente para inserção de vogal:



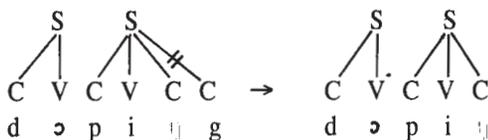
No último caso acima, a forma variante [ˈwɛʃ tɛʃ] explica-se pela disassociação do segmento [+nasal] e, uma vez não aplicada a inserção de /i/, este elemento disassociado fica sem forma fonética de superfície, vedada a nasalização pela ausência do contexto necessário (a vogal e a consoante nasal da coda não são adjacentes).

Já formas subjacentes do tipo /dɔpiŋg/ ou /driŋk/ forçam uma resolução:

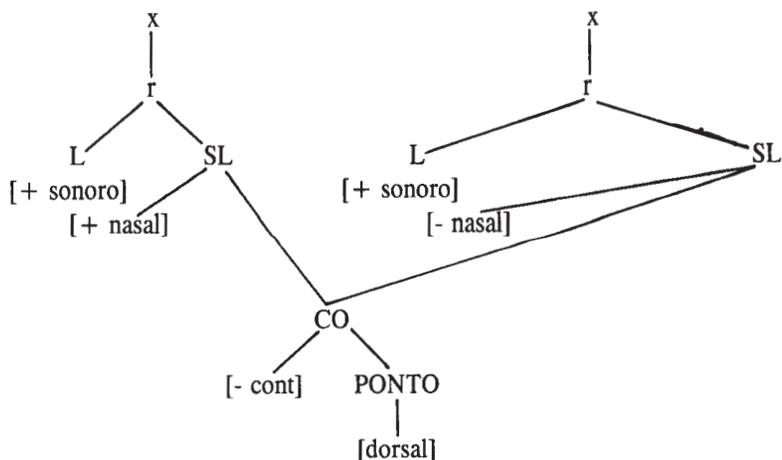
(i) quer por inserção de /i/, ficando o segmento consonântico na coda de uma sílaba interna, o que acarreta a obrigatoriedade de sua realização superficial na nasalização da vogal núcleo, conforme



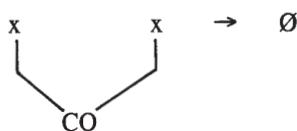
(ii) quer por queda do tempo⁶ (e, assim, dos nós sob o seu domínio) do segundo segmento de uma seqüência homorgânica,⁷ que difere do primeiro segmento apenas pela especificação [nasal], como em [ˈdɛsɪ] ou [ˈdɔpɪ]:



A estrutura auto-segmental que explica o processo seria:



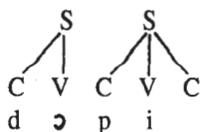
Esta estrutura permitiria gerar (a) a variante [ˈdɔpɪ], pela perda do nó supralaríngeo de cavidade oral



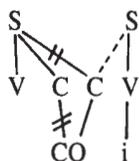
Isto resultaria na estrutura

⁶ Anteriormente (FREITAS, 1984) eu havia proposto queda global de consoante como estratégia de nativização. Porém, este procedimento tinha um campo de operação restrito e só se manifestava com regularidade considerável em grupos consonânticos formados por [+soante/+nasal], seguido de [-soante/-nasal] na coda de sílabas finais. Agora este contexto, só registrei queda em [fɛ } 'fɔwax], do inglês *fast forward*, onde é possível dizer que houve disassociação da consoante que ocupa a terceira posição na rima, violando uma restrição do português.

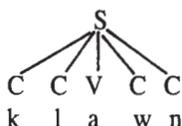
⁷ Não encontrei dentre os dados de empréstimos que colhi alternativa de queda quando os dois segmentos consonânticos diferiam quanto à sonoridade (cf. [xɪki] mas não [xɪ]), ou quando o traço de ponto de articulação era [coronal] (cf. [i } 'tɛdʒi] mas não [i } 'tɛ]).



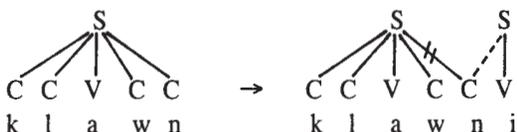
que fornece o contexto necessário para a nasalização vocálica, que afeta a vogal tautossilábica adjacente, imediatamente à esquerda da consoante [+nasal]; (b) a variante [ˈdɔpɪŋi], mediante epêntese de /i/, o que projetaria nova sílaba. Neste caso, haveria disassociação do nó de cavidade oral do primeiro segmento, passando o segundo segmento com sua especificação total ao *onset* da nova sílaba criada:



A proposta que faço aqui, caso seja válida, fornece um argumento adicional a favor de considerar as vogais nasais de superfície no português como provenientes de elementos nasais posvocálicos subjacentes consonânticos. Alternâncias em formas de empréstimo do tipo [ˈklãwni] ~ [klãw] são indícios favoráveis à escolha de uma estrutura subjacente.



onde a consoante nasal da coda pode perder seus traços dominados pelo nó da cavidade oral e ser o elemento desencadeador do processo de nasalização, ou permanecer totalmente especificada, mantendo o nó de cavidade oral⁸ e, como tal, prover ambiente para a inserção vocálica. Ficaria, desta última forma, explicada a variante de superfície [ˈklãwni]:



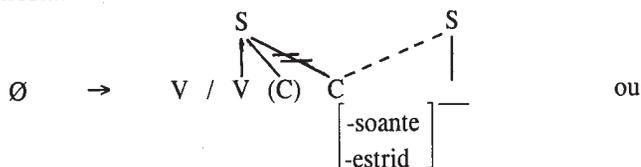
⁸ Foneticamente esta consoante [+nasal] é marcada tanto por uma obstrução na cavidade oral como por uma continuidade nas fossas nasais, o que justifica sua classificação como um som aproximante.

O fato de o elemento consonântico nasal na coda silábica em português não se manter totalmente especificado, como quando o mesmo ocorre no *onset* das sílabas, talvez justifique a dubiedade de sua interpretação, resultando em variações do tipo que acabamos de ver, ou em formas como [t ʃ imu] dpo inglês *team*, ao lado de [ʒ ʔ], do inglês *gim*. Note-se que em sílaba interna seguido de [-soante], alguns trabalhos têm indicado a presença de um *glide* nasal homorgânico posvocálico, como em [ʔk ẽ^m p ɔ], [ʔk ẽ^m t ɔ], [ʔk ẽ^m g ɐ], uma justificativa adicional para o nó de cavidade oral na estrutura auto-segmental das consoantes nasais em português, mesmo na coda da sílaba. Se a definição deste segmento [+nasal] mantém sua especificação quanto à cavidade oral, ele será marcado como [-cont], o que irá incluí-lo numa mesma classe como /p t k b d g/ e acarreta a operação da regra de inserção vocálica; se, por outro lado, a definição do referido segmento [+nasal] perde sua especificação de traços dominados pelo nó da cavidade oral, cria-se o contexto para a nasalização vocálica.

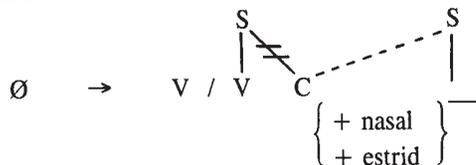
5. CONCLUSÃO

Os procedimentos instanciados quando da nativização de empréstimos são aqueles já usais no sistema tomador--não há nenhuma estratégia exclusiva à nativização. Na adoção de empréstimos do inglês pelo português observa-se: (i) inserção vocálica como resolução pós-lexical, uma vez criado o contexto de sua aplicação, a saber, a violação de restrições do português, quer pela presença na coda silábica subjacente de segmento [-soante], quer pela ocorrência de um segmento consonântico ocupando a terceira posição na rima da sílaba; (ii) aplicação opcional de epêntese de /i/ se o único segmento consonântico presente na coda silábica for [+nasal] ou [+estridente]. Note-se que somente as líquidas não instanciam inserção. Uma formalização possível para a inserção vocálica seria:

a. obrigatória:



b. opcional:



A nasalização vocálica explicada a partir de uma consoante [+nasal] posvocálica subjacente é já clássica para o português (embora não seja a única); quanto à inserção de /i/, ocorre também numa série de palavras nativas, quase sempre eruditas como *lapse*, *silepse*, *septo*, etc... e, nestas formas, o travameto sempre que em posição tónica acarreta a exclusão das vogais médias fechadas, consequência esta uniformemente manifesta nos empréstimos em que regista-se contexto idêntico.

BIBLIOGRAFIA

- CLEMENTS, G. & KEYSER, S.J. *CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable*. Cambridge, Mass: MIT Press: 1983.
- CLEMENTS, G. "The Geometry of Phonological Features." *Phonology Yearbook 2* (1985): 225-252.
- CUNHA, Celso F. da & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- FREITAS, Myrian A. de. *Os Empréstimos do inglês no português do Brasil: estratégias de nativização*. Dissertação de Mestrado: UFRJ (1984).
- MAJOR, Roy C. "Stress & Rhythm in Brazilian Portuguese." *Language* 61 (junho de 1985): 259-282.